

RODRIGO OCTAVIO (FILHO)

Prudente
de
Moraes

SOFRIMENTO E GRANDEZA DE UM GOVERNO

RIO DE JANEIRO — 1942

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

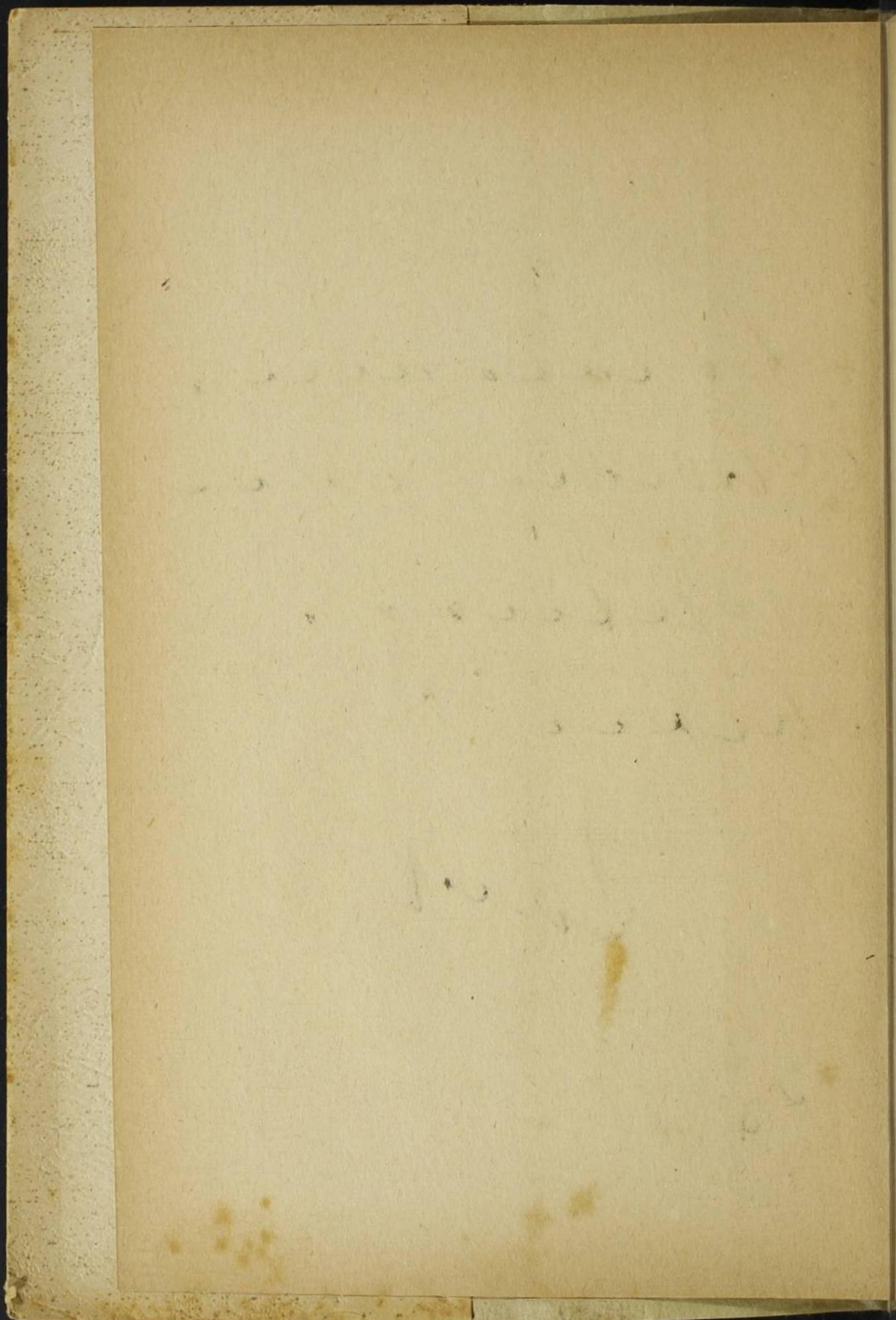
Ex Libris
José Mindlin

No caso de
divisão, com

o seguinte
obscuro &

Rant.

Ris
Fr. 421.



RODRIGO OCTAVIO (FILHO)

PRUDENTE DE MORAES

(1841 — 1902)

SOFRIMENTO E GRANDEZA
DE UM GOVÉRNO

(1894 — 1898)



RIO DE JANEIRO — 1942

DO AUTOR

EDUCAÇÃO CÍVICA (conferência — esgotado) —
1916.

ALAMEDA NOTURNA (poemas — esgotado) —
Anuário do Brasil — 1922.

O FUNDO DA GAVETA (estudos — esgotado) —
Anuário do Brasil — 1924.

OSÓRIO (fóra do comércio — esgotado) — 1931.

A CONSTITUINTE DE 1823 — Renascença Editora
— 1932.

O POETA MÁRIO PEDERNEIRAS (esgotado) — Re-
nascença Editora — 1932.

A VIDA AMOROSA DE LISZT (fóra do comércio —
esgotado) — 1937.

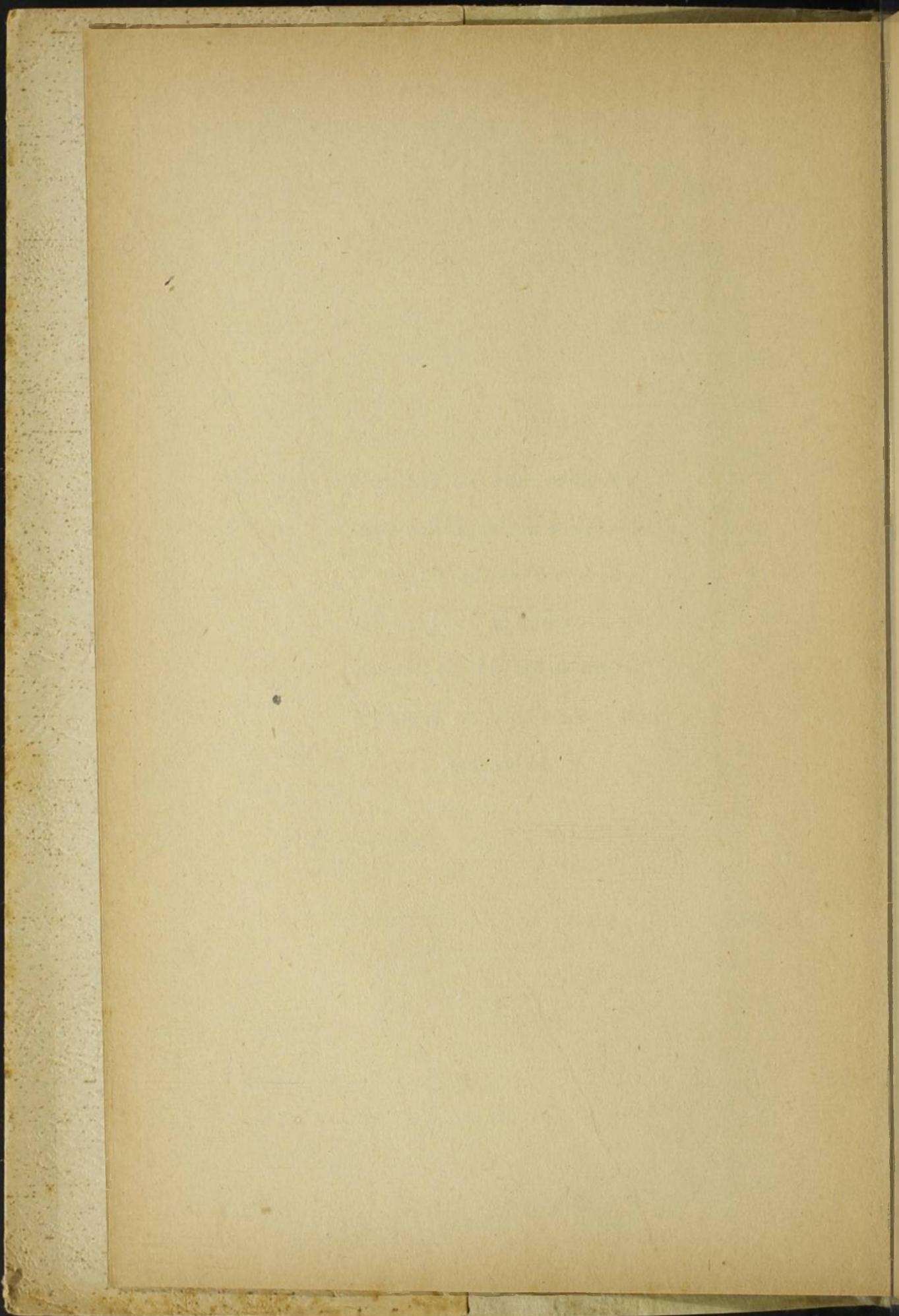
VELHOS AMIGOS (Felippe D'Oliveira — Ronald de
Carvalho — Gonzaga Duque — Lima
Campos — Machado de Assis — Vicente
de Carvalho — Mário Pederneiras) — Li-
vraria José Olimpio, Editora — 1938.

PRUDENTE DE MORAES — (Sofrimento e Grandeza
de um Govêrno) — 1941.

NO PRELO:

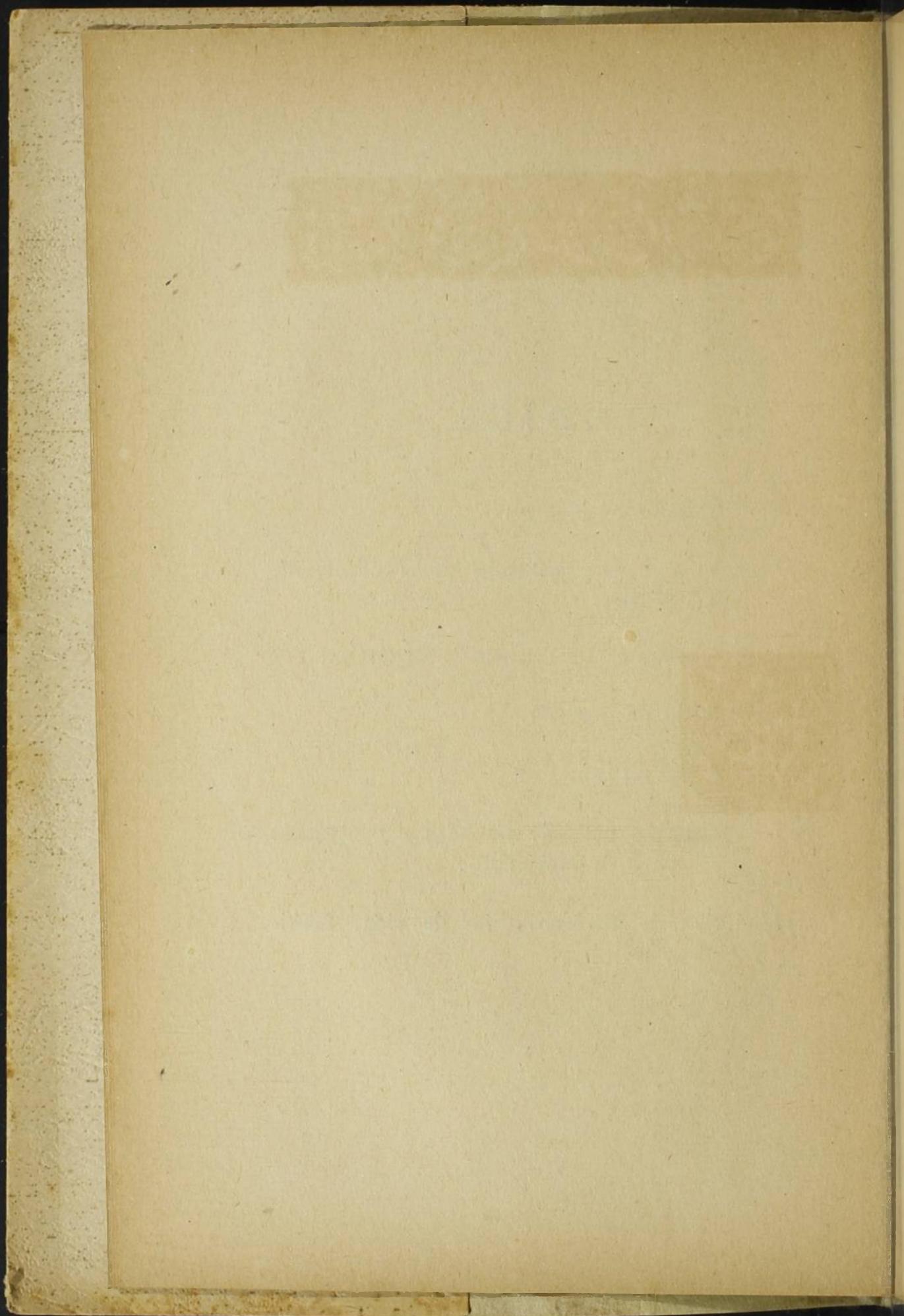
TREIS FIGURAS DO IMPÉRIO — (Marquês de Bar-
bacena — Visconde de Mauá — Tavares
Bastos).

**Trabalho lido no Instituto
Histórico e Geográfico Bra-
sileiro, na sessão do dia 4
de Outubro de 1941, come-
morativo do 1º Centenário
do nascimento de Prudente
de Moraes.**



ÍNDICE

- I — O ambiente político.
- II — Vida e personalidade de Prudente de Moraes.
- III — A posse na Presidência da República.
- IV — Início de govêrno.
- V — A paz no Sul.
- VI — Agitação política. Canudos e o atentado de 5 de Novembro.
- VII — Fim de govêrno. Fim de vida. Glorificação.





I

O ambiente político



QUANDO Prudente José de Moraes Barros, no dia 15 de Novembro de 1894, assumiu a Presidência da República, era tão agitado o ambiente político, que poucos brasileiros havia que acreditassem pudesse êle se manter no govêrno.

Até o momento da posse, corria de boca em boca a afirmação de que ela não se realizaria. Os fatos que se sucediam, justificavam tal suspeita. Um homem, porém, pensava de modo bem diferente. Era o próprio Prudente de Mo-

raes que, idealista e resoluto, confiava na República, confiava nos destinos do Brasil e confiava em si mesmo.

Prudente de Moraes, que desde a adolescência pautara os atos de sua vida pública e particular por uma inata austeridade, tinha o dom de uma lúcida inteligência e adquirira uma sólida cultura. Orientava sua mentalidade no sentido jurídico da existência humana, no respeito do direito alheio, na mística dos princípios da liberdade e da democracia. Estava, pois, destinado a ser um dos chefes do Brasil republicano.

Filho de um agricultor modesto — José Marcelino de Barros — transformou a humildade de sua origem — da qual sempre se orgulhou — num símbolo aristocrático do espírito e do caráter.

Depois de lutar na primeira linha da campanha republicana, depois de exercer os postos mais difíceis, que o tornaram alvo das críticas e das esperanças de seus concidadãos, foi eleito Presidente da República, no pleito realizado no dia 1.º de Março de 1894.

Já vivera o Brasil republicano, cinco anos de agitadíssima existência. Ao dia claro da Proclamação, seguiu-se a noite escura das incompreensões. O choque das ambições retardava a adaptação do país ao novo regime. Desaparecido o bom senso, surgiu a revolta. E o sangue que não fôra derramado no dia 15 de Novembro, veio mais tarde manchar os campos e as planícies brasileiras.

Prudente de Moraes, compreendendo que assim fosse, justificava essa situação, dizendo ao povo, no momento que chegava ao poder: "As constantes agitações que, no primeiro quinquênio, perturbaram a vida da República não causaram surpresa; eram previstas como consequência da revolução de 15 de Novembro. Não se realizam revoluções radicais, substituindo a forma de governo de uma nação, sem que nos primeiros tempos as novas instituições encontrem a resistência e os atritos, motivados pelos interesses feridos pela revolução, que embaraçam o funciona-

mento do novo regime. Foi o que aconteceu ao Brasil."

De longa data vivia o país entre duas forças políticas que se equilibravam, e que tinham a amparar-lhes os choques possíveis o espírito moderado do Imperador.

A extinção repentina dos partidos Liberal e Conservador, de cujo seio saíam os homens destinados ao exercício do mando político e à prática da administração pública, foi por certo uma das causas naturais do desequilíbrio dos primeiros passos do regime republicano.

Os patriarcas da República eram teóricos e inexperientes. Desconheciam a matéria prima com que deviam moldar o novo regime.

Felizmente — reconhecem os historiadores — a falta de tato político e de experiência administrativa do Marechal Deodoro da Fonseca, era recompensada por seu patriotismo e generosidade de sentimentos ⁽¹⁾. O mesmo se poderá

1) JOSÉ MARIA BELO — *História da República*, Vol. I, pags. 206.

dizer de todos os seus companheiros do governo provisório.

No entanto, foi efêmera a tranquilidade dos primórdios do Brasil republicano. Houve, porém, o necessário critério, para que a transformação política por que passava o país, depois de tão grande derrubada de homens e de tradições, pudesse, naquele momento, oferecer à admiração do mundo, uma obra prima de precisão política e organização administrativa: a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891.

*
* *
*

Com Prudente de Moraes, primeiro presidente civil, puderam se estabilizar as instituições republicanas defendidas pela mão de ferro do Marechal Floriano.

Apezar do que então se dizia — que Floriano não permitiria a posse de seu sucessor, por atos nítidos manifestou êle o seu amor ao regime: presidiu as eleições de 1.º de Março contra as quais nada se articulou,

sendo conhecida sua opinião contrária à candidatura Prudente de Moraes; e apesar de não cumprir o mínimo princípio protocolar, nem dispensar a menor atenção ou delicadeza ao seu sucessor, permitiu que êle assumisse o governo — para que durante quatro anos, se processasse a transmissão do poder descriptionário da classe militar, para a casta política que então se foi formando (2).

*

* * *

Se não fosse a autoridade do Marechal Floriano Peixoto, o jacobinismo não teria amarras que o contivessem e Prudente de Moraes não teria assumido o poder.

A aversão dos florianistas a Prudente era radical. A história dos fatos o demonstra, como deles também ressaltam a coragem e a confiança do novo Presidente.

2) JOSÉ MARIA DOS SANTOS — *A política geral do Brasil*,
pags. 337.

Um exemplo: poucos dias antes de 15 de Novembro realizaram-se na Praça da República, festas em homenagem a uma comissão de Generais Uruguaios que aquí veiu entregar umas medalhas comemorativas.

Prudente de Moraes, que no Rio de Janeiro aguardava, serenamente, o dia de assumir o poder, fôra convidado para o pavilhão central.

Conta Rodrigo Octavio — que foi o primeiro Secretário da Presidência do govêrno de Prudente de Moraes — que o Presidente eleito, recostado no fundo de um **coupé**, ficou retido por muito tempo no meio de enorme aglomeração de gente, a espera de que uns soldados de cavalaria que faziam a polícia do trânsito, agissem de modo que sua caruagem se pudesse aproximar do pavilhão.

Nesse momento, um moço exaltado deu um **viva** ao futuro Presidente, viva "que se perdeu, isolado, entre as músicas e aclamações, como uma nota discordante e sediciosa".

Em torno desta ousada criatura houve espanto e pânico. Assumiu proporções incompreensíveis aquela manifestação espontânea, que talvez nem tenha chegado aos ouvidos de Prudente. Passado o pasmo do primeiro instante, relata uma testemunha, precipitaram-se indivíduos para a direção de onde o grito anônimo se fizera ouvir. Houve espaldeiradas, gritaria, estabelecendo-se terrível confusão.

Este simples episódio, que aliás passou despercebido até da crônica policial do dia, dá, bem eloquente, a medida da situação política do país no início do novo quadriênio governamental e mostra existir no ambiente o peso de uma oposição intolerante, por parte das esferas oficiais, bem como a aspiração irrefreável da perpetuidade, o desejo sôfrego da continuação do Govêrno do Marechal Floriano (3).

O período presidencial que se extinguia, fôra de agitações e lutas. Após

3) RODRIGO OCTAVIO — *Minhas Memórias dos Outros* —
1.^a série — pags. 145/146.

a queda do Marechal Deodoro, o movimento revolucionário de 23 de Novembro de 1891 elevou o Marechal Floriano, Vice-Presidente da República, ao poder supremo. O golpe de estado abalou a incipiente ordem constitucional e criou os germens da revolta, mantida e desenvolvida por circunstâncias posteriores.

E os graves acontecimentos foram se sucedendo e abalando as instituições, sugando-lhe a vida e a força: o Manifesto dos 13 Generais, as cenas de 10 de Abril, a expedição Wandenkolk, a revolta da Armada, a revolução federalista.

Para enfrentar tão graves situações e manter o princípio da autoridade, teve o governo de Floriano que empregar a máxima energia. Em torno dele, porém, cresciam as naturais ambições. E pouco a pouco foi se avolumando e crescendo de importância o cortejo dos que eram mais florianistas do que o próprio Floriano...

Apareceu então o **espírito jacobino** — entendendo-se por tal expressão o ex-

altamento político, partidário e intolerante, que a intensidade da luta despertara e estimulara no ânimo dos que combatiam pelo Governo legal — espírito que tomou jactanciosa atitude depois do desbarato da revolta e pretendia o direito de dominar o país, de ditar a lei, de impôr a direção dos negócios públicos (4).

Para o jacobinismo a República era propriedade dos florianistas.

Parece-me, no entanto, que Floriano, embora receioso com possíveis perseguições aos seus amigos políticos, confiava na integridade moral de Prudente de Moraes, cujos sentimentos republicanos não podia por em dúvida. Seu passado fôra um rosário de lutas e serviços prestados à causa comum. Como Presidente da Assembléia Constituinte e posteriormente, do Senado, não praticou ato, não teve atitude, não manifestou opinião, que pudesse gerar suspeita sobre seu espírito rigidamente lega-

4) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 148.

lista, tendo mesmo mandado que dois de seus filhos se alistassem como voluntários dos batalhões patrióticos e marchassem para Itararé, afim de lutarem em defesa do regime, contra as fôrças de Gumerindo Saraiva.





II

Vida e personalidade de Prudente de Moraes



POUCOS dias antes de 15 de Novembro, chega Prudente de Moraes ao Rio de Janeiro. Vinha assumir a Presidência da República.

Partira de Piracicaba, pequena cidade do Estado de São Paulo onde, pelo trabalho e pelo estudo, formara o seu espírito. Por certo, durante a viagem, vendo ficar para traz a paisagem familiar dos cafesais enfileirados, ia se recordando do que fôra sua vida. Tinha 54 anos; parecia, porém, mais velho.

A indumentária discreta e solene, fornecida por um pequeno alfaiate de Piracicaba, — o mesmo que lhe iria confeccionar os fraques e as sobrecasacas do período presidencial —, dava a Prudente de Moraes, como em geral aos homens daquela época, um aspecto de sisudez, incompatível, hoje, com o nosso modo de vida e de trajar. As barbas grisalhas, o olhar bondoso, gestos calmos e apropriados o falar correto e claro, davam-lhe, paradoxalmente, um impressionante conjunto de energia e decisão.

Observou Rodrigo Octavio, que Prudente era um homem de uma tal austeridade, de um prestígio pessoal tão soberano e de uma tão manifesta sinceridade nas suas atitudes, que impunha profundo respeito a todos os que dele se aproximavam, apesar da simplicidade de seus hábitos, da lhanesa de seu trato ⁽⁵⁾. José Maria Belo, num rápido e incisivo retrato, descreve-o como o ho-

5) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 174.

mem respeitavel por excelência; no fundo, autoritário, reservado, orgulhoso, distante e de rara energia moral. "Poucos homens públicos lembrariam tão de perto, na República, o melhor tipo político criado pelo Império de Pedro II; inteligência equilibrada, probidade perfeita, gravidade um tanto formalística, altivez, espírito cívico, invencível aversão a qualquer sombra de militarismo" (6)

*
* *
*

Prudente de Moraes, que nascera no dia 4 de Outubro de 1841, em uma fazenda próxima à cidade de Itú, onde fez seus estudos preliminares, ministrados por sua Mãe, D. Catarina Maria de Moraes e pelo italiano Manoel Estanisláu Delgado, mudou-se, ainda menino, para Piracicaba, onde iniciou os estudos secundários, concluídos em S. Paulo, no colégio do professor João Carlos da Fonseca.

6) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pag. 203.

Atraído pelos estudos de direito, sentindo desabrochar sua vocação para advogado, matriculou-se na Faculdade de São Paulo, onde colou gráo em 1863, juntamente com Campos Salles, Bernardino de Campos e Quirino dos Santos, cuja amizade sempre cultivou.

Por ser metódico e organizado, ponderado e refletido, estudioso e inteligente, tornou-se querido e respeitado pelos colegas. Era tão ordeiro, que, quando estudante, costurava ou remendava as próprias roupas, existindo no Museu Histórico de Itú, como lembrança dessa época, algumas agulhas, um carretel e o dedal que lhe pertenceram.

Voltando a Piracicaba, inaugurou, com sucesso, sua banca de advogado, e, pouco tempo depois, casou-se em Santos, no ano de 1866, com D. Adelaide de Moraes Barros.

A política, porem o atraia. Sentia evidente pendor para agir na cena pública. Filiou-se ao partido liberal em cujas hostes militou. Manifestou suas qualidades de administrador como Pre-

sidente da Câmara Municipal de Piracicaba e revelou suas qualidades parlamentares no exercício do mandato de Deputado Provincial. A desilusão, porem não tardou. Seu espírito liberal, suas inclinações democráticas, fazem-no aderir de corpo e alma ao partido republicano, cuja irradiação por todo o país era uma realidade, depois de divulgado o Manifesto de 1870. Se não pôde comparecer, aderiu à Convenção Republicana de Itú, em 1873, na qual foram figuras de primeiro plano seus companheiros de idéias políticas, Américo Braziliense, Bernardino e Américo de Campos, Francisco Glicério, Cesário Mota e outros que cedo ou tarde brilharam nas lutas do partido.

Em 1885, foi Prudente de Moraes eleito Deputado Geral pelo partido republicano. Era a estréia dos princípios revolucionários no parlamento do segundo Império. Com Campos Salles, também eleito por S. Paulo e Alvaro Botelho, eleito por Minas Gerais, formou na primeira linha de republicanos que

pela palavra e pela ação, iriam abrir, no parlamento, o caminho da vitória final.

Não cabe fazer neste ligeiro estudo a história da Proclamação da República. O fato é que, derrubado o trono, banido o Imperador, constituiu-se em São Paulo uma Junta Governativa, da qual fez parte Prudente de Moraes, juntamente com Rangel Pestana e o General Mursa, uma vez que Américo Brasiliense por todos indicado, recusou-se, perentoriamente a assumir o govêrno do Estado.

Francisco Glicério, que havia sido alertado, em Campinas, pelo célebre telegrama de Campos Salles — **Venha já** — recebido poucos dias antes da proclamação da República, (7) já tinha seguido para o Rio de Janeiro depois de rápida estada e contato com os correligionários de São Paulo.

Agindo com inteligência — Glicério, que foi do grupo a que pertenceu,

7) TOBIAS MONTEIRO — *Pesquisas e Depoimentos* — pag. 199.

o político mais atilado e previdente — tomou parte nos últimos atos da conspiração que girava em torno da impressionante figura do Marechal Deodoro.

Proclamada a República, recusou uma pasta ministerial no Governo Provisório; mas, sem dúvida, é êle quem fala, decisivamente, por S. Paulo, nos conciliábulos da República incipiente.

Extinta a Junta Governativa, assume Prudente de Moraes o governo do grande Estado.

Não foi facil governar naquele período de transição, desorientação e luta. No entanto, com gerais aplausos, procura adaptar as velhas instituições aos novos métodos republicanos.

O seu nome se projeta por tal forma na vida nacional, que começam a nele devisar o estadista capaz de implantar a verdadeira República.

Mas o cenário que lhe convinha era o do Rio de Janeiro, para onde veio, depois de renunciar ao governo de São Paulo, afim de assumir sua cadeira na Assembléia Constituinte — cuja presi-

dência exerce com grande superioridade.

Sua atuação neste alto posto, foi um exemplo de imparcialidade e retidão. Era respeitado e enérgico, chegando certa vez a cassar a palavra ao próprio irmão, por tê-la pedido **pela ordem, para fazer a desordem...**

Proclamada a Constituição Federal e chegando o momento da eleição do Presidente e Vice-Presidente da República, foi indicado como candidato de oposição ao pretigioso Deodoro da Fonseca. Vencedor o Marechal com 129 votos, teve Prudente a sufragar-lhe o nome, 97 votos.

Procedida a eleição de Floriano Peixoto para a Vice-Presidência, que teve como principal concorrente o Almirante Eduardo Wandenkolk, Prudente de Moraes, proclamou, com solenidade, os eleitos.

No dia imediato, em 26 de Fevereiro de 1891, Deodoro e Floriano, se empossaram, perante o Congresso. E ao encerrar os trabalhos da Constituinte, Pru-

dente de Moraes, ouvido no maior silêncio, pronuncia as seguintes palavras: "Meus colegas, deixámos, ao retirar-nos, promulgada a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Esta Constituição, elaborada durante o período de três meses e alguns dias, com trabalho assíduo, naturalmente terá defeitos, porque não há obra humana perfeita; entretanto é fôrça reconhecer que o Congresso Brasileiro esforçou-se por conseguir, e conseguiu, consignar no pacto fundamental com que dotou o país, todos os princípios cardeais da República Federativa. E êles aí ficam bem claramente consignados; a prática poderá desenvolvê-los e trará ao nosso país a prosperidade e a felicidade de que êle é digno. Cumprimos o nosso dever; o Congresso pode retirar-se satisfeito, porque, como tive ocasião de dizer deste mesmo lugar, êste Congresso, recebido com desfavor pela opinião pública, com muita prevenção, procedeu de modo a destruir, a combater, pelo menos essa prevenção, e a ganhar prestígio e confiança na estima pública que

o rodeia, ao terminar os seus trabalhos. Entretanto, não está tudo feito; é preciso que todos os poderes estabelecidos pela Constituição que o Congresso promulgou, coloquem-se na altura de seus deveres, procurem cumprí-los fiel e religiosamente, afim de que as idéias cardeais alí consignadas, sejam praticamente realizadas, como é necessário para a felicidade da Nação" (8).

Nos Anais da Constituinte, em cujo seio houve tanto tumulto e divergência, consta a prova da superioridade, da inteligência e tato de Prudente de Moraes: um voto de solene reconectimento "pelo modo condigno, leal e patriótico, por que a Mesa do Congresso soube dirigir os trabalhos, facilitando-os sobremaneira pelas suas deliberações e expediente da maior ponderação, imparcialidade e justiça".

* * *

8) *Anaes do Congresso Constituinte da República* (áta do 62.º sessão, em 26 de Fevereiro de 1891).

Ia começar o Brasil a viver uma vida nova, cheia de esperança e fé republicana.

Prudente de Moraes, cujo prestígio crescia, é eleito Vice-Presidente do Senado e o preside efetivamente, por isso que Floriano nunca comparece às sessões.

Neste posto, cumprindo com serenidade o seu dever, vieram encontrá-lo os mais graves acontecimentos políticos que têm ilustrado nossa vida republicana. "Foi em torno dele que se reuniu a oposição parlamentar, contra o golpe de Estado de 3 de Novembro, que dissolveu o Congresso, tendo sido êle o primeiro signatário do célebre protesto publicado em São Paulo. Posteriormente, quando irrompeu a revolta da esquadra, o Dr. Prudente de Moraes foi sempre visto na primeira linha dos que procuravam, com atos e palavras, prestigiar a autoridade legal, incitando-o a que cumprisse o seu dever" (9).

9) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pags. 166/167.

Era, pois, natural que no dia 25 de Setembro a Convenção do Partido Republicano Federal, cuja finalidade era "sustentar e defender a Constituição de 24 de Fevereiro, trabalhar na sua fiel execução e pela verdade do regimen que ela criou", indicasse o nome de Prudente de Moraes à Presidência da República.

Era chefe ostensivo do Partido, o sagaz Francisco Glicério, que foi, em verdade, uma alta expressão do idealismo construtor da geração de seu tempo (10). Organizara, porém, um partido, que era "uma catedral aberta a todos os credos", que tinha como fiéis: republicanos históricos, ex-monarquistas, liberais moderados, conservadores do velho estilo, federalistas, centralizadores, florianistas exaltados ou legalistas, jacobinos intransigentes, positivistas, presidencialistas irreductíveis, católicos ardentes, livres pensadores, parlamentaristas e, mesmo,

10) TAVARES DE LIRA — *Francisco Glicério* — Jornal do Comércio, de 7 de Setembro de 1941.

simpatizantes com a revolta de Custódio de Melo, ⁽¹¹⁾ não permitindo sua heterogeneidade, uma atitude firme de orientação e princípios.

Chegada a hora de se cogitar da sucessão, foi Glicério o principal manipulador da candidatura de Prudente de Moraes, apesar da oposição de Floriano, o qual, no entanto, não interveio na escolha do nome do seu sucessor.

Dizem testemunhas da época, que nas vésperas da Convenção política que homologou a candidatura de Prudente, Floriano disse a Glicério: — com Prudente de Moraes, prevejo perseguições aos nossos amigos. Até você também não sera poupado e há de sofrer bastante. Mais tarde me dirá si tive ou não razão; mas fique certo de que qualquer que seja o eleito e proclamado pelo Congresso, eu o empossarei no poder ⁽¹²⁾.

E assim fez, apesar de instigado por amigos exaltados, que haviam criado,

11) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pag. 198.

12) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pag. 199.

em bôa parte da alma nacional, uma mística florianista, que só encontrava solução para os problemas da República, perpetuando no govêrno o bravo Marechal de Ferro.

E' pensamento de José Maria Belo, que Floriano, de indomavel energia na luta, não soube ou não pode mostrar-se generoso no triunfo, e seguir o exemplo de Lincoln, que depois da vitória do Norte sobre os confederados do Sul, procurou não mais se lembrar dos motivos que tinham originado a guerra civil. "A prolongada revolução do Rio Grande do Sul e a curta revolta da Armada tinham envenenado profundamente a alma das elites brasileiras. A lembrança do perigo que a República teria corrido e a preocupação dos que ainda poderiam ameaçá-la, exacerbavam as paixões dos republicanos mais ardentes, sobretudo da mocidade das escolas militares e civis; ao lado destes elementos sinceros, pululavam aproveitadores de toda espécie da "legalidade" vitoriosa,

"florianistas" e "jacobinos" vermelhos, que durante a luta armada, haviam evitado, provavelmente, os riscos pessoais..." (13).

Finda a revolta da Marinha, o Marechal Floriano, dirige-se à nação, em linguagem clara e sincera: "À princípio, receei que o cosmopolitismo, dissolvido na densidade da alma nacional, houvesse-lhe enfraquecido as virtudes cívicas. Bem cedo, porém, me convenci do contrário; do Norte, do Sul, de todos os pontos do Brasil, irrompeu o patriotismo com fôrça mais que suficiente para salvaguardar a República seriamente ameaçada; das oficinas e das escolas, da lavoura e do comércio, em suma, de todas as classes sociais corriam representantes a tomar armas, multiplicando-se, assim, as dedicações para amparar o govêrno e sustentar a lei".

Ao Marechal Floriano, que salvou a República pelo poder de sua autoridade

13) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pags. 192/193.

de, faltou aquela poesia humana tão necessária à perenidade das obras de paz.

*
* *
*

Foi pensando em todos estes episódios e na gloriosa vida que já vivera, que Prudente de Moraes, imbuido dos mais puros princípios republicanos, chegou ao Rio de Janeiro, poucos dias antes do 15 de Novembro, afim de assumir a Presidência da República.



III

A posse na Presidência da República



A mensagem que dirigiu ao Presidente Campos Salles (14), escreveu Prudente de Moraes as seguintes palavras: "Eram de grandes esperanças as vozes que ecoaram aos meus ouvidos quando, a 15 de Novembro de 1894, assumi a alta direção dos negócios públicos. Eu senti naquele momento, ouvindo as expansões de entusiasmo das mais puras manifestações

14) *Mensagem ao Presidente Campos Salles*, em 15 de Novembro de 1898.

populares, o peso da enorme responsabilidade que me caía sobre os ombros e o receio que me faltassem as fôrças em meio da penosa jornada. Era necessário fazer funcionar todo o mecanismo da administração com a regularidade, a ordem e a firmeza que a lei, somente a lei, bem executada, pode assegurar. Era preciso, sobretudo, eu bem o compreendí, restituir ao povo a paz e a tranquilidade, despertando-lhe n'alma, com o respeito inviolavel de todos os direitos, a confiança em o novo regime, o amor pela República".

Foi sentindo estas esperanças e medindo bem suas responsabilidades, que Prudente de Moraes, no dia 2 de Novembro chegou ao Rio de Janeiro.

Desde esse dia até o dia 15 de Novembro, não teve Prudente, o menor contato, o mínimo entendimento com o Marechal Floriano ou seus Ministros.

Esta hostilidade oficial, êste marcado desejo de salientar uma fundamental divergência entre o govêrno que se extinguia e o que ia nascer, sentiu-o Prudente de Moraes, desde o momento

em que pisou a plataforma da Central do Brasil.

Ao seu desembarque, não compareceu um só representante do govêrno, uma única pessoa que com êle tivesse ligações diretas ou indiretas. Nem mesmo uma simples banda de música. "Ao contrário do que se presumia, porém, havia na Estação muita gente à espera do ilustre paulista: amigos, para vê-lo e abraçá-lo; correligionários e admiradores, para prestar essa primeira homenagem ao futuro chefe do Estado; pretendentes e candidatos para se porem desde logo em cheiro de santidade em face do sol que nascia; povo, para satisfazer a natural curiosidade das massas por tudo que sai da rotina de todos os dias, e que aliás, prorrompeu em grandes ovações quando o Presidente desembarcou do vagão e, depois, quando saiu da Estação". (15)

Como estivesse ornamentada a Estação, tiveram os presentes a ilusão de

15) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pags. 153/154.

que aquele aspecto festivo se relacionava com a chegada do novo Presidente.

Mas, a ilusão não foi duradoura; tratava-se de uma decoração envelhecida, que ali ficara talvez, acintosamente.

O coreto, conta uma testemunha, estava deserto, as folhagens já estavam envelhecidas, as datas e os nomes, que os escudos memoravam, não lembravam trechos ou fatos da vida de Prudente de Moraes. Tudo aquilo nada mais era do que o resto, ainda não desfeito, de passadas festas, talvez para comemorar a visita da comissão de generais uruguaios que então se efetuava ou para solenizar outra qualquer ocorrência festiva dêsse tempo, tão cheio de festas...⁽¹⁶⁾

Quando se encaminhou para a saída da Estação, pôde Prudente de Moraes lançar um olhar sobre um grupo de soldados que montavam guarda a um carro de bagagem, que outro não

16) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 154.

era senão o popular n. 136 V, onde eram presas e segundo dizia a imprensa, severamente castigadas as pessoas suspeitas de rebeldia. Foi com essa fama que aquele carro, que alí estava aos olhos de todos, entrou na história. ⁽¹⁷⁾

Uma modesta carruagem de praça, conduziu o Presidente eleito e sua família da estação ao Hotel dos Estrangeiros. E já era quasi noite, quando recebeu a visita do Capitão Tenente Sadok de Sá, ajudante de ordens do Marechal Floriano Peixoto. Ia em nome do Chefe do Estado, cumprimentar o seu sucessor. Foi êsse o único contato que, até 15 de Novembro, teria Prudente de Moraes com o govêrno que ia substituir.

Como no dia seguinte à visita que recebera do ajudante de ordens de Floriano, a imprensa noticiasse que explicações haviam sido dadas ao Presidente eleito, sobre os motivos por que Floriano não se fizera representar no seu desembarque, o Capitão Tenente Sadok de Sá,

17) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 155.

retificou tal versão, enviando aos jornaes as seguintes linhas: "Depois de uma ligeira conversação sobre sua viagem e manifestações que recebera de São Paulo até esta Capital, declarei a S. Ex. que o fim da minha visita, era cumprimentá-lo em nome do Marechal Vice-Presidente da República. Nada mais acrescentei com relação ao assunto dessa minha incumbência..."

O Govêrno julgou necessário que a opinião pública fosse bem informada sobre assunto de tanta relevância... E o povo veio tambem a saber, que o Dr. Prudente de Moraes, desejoso de se avistar com o Marechal Floriano, não o conseguiu, pois o telegrama que expedira pedindo que lhe fosse marcado dia e hora para essa visita, não mereceu a honra de uma resposta...

Em face dessa situação, que caíra no domínio público, é facil imaginar como foram graves os rumores de uma inevitavel perturbação da ordem. Mas a verdade é que o Marechal Floriano havia resolvido respeitar a Constituição

e empossar na Presidência da República, quem fôra eleito.

Chegou, afinal o dia 15 de Novembro. E como o carro oficial, bem como o representante do Chefe do Estado, não chegassem para levar e acompanhar o Presidente eleito ao Senado Federal, onde se devia realizar o ato de compromisso e posse, teve Prudente de Moraes que alugar alguns carros, que estacionavam em frente ao Hotel, na Praça José de Alencar...

Depois da solenidade no velho Palácio do Conde dos Arcos, seguiu para o Palácio Itamaratí, séde do Govêrno. Acompanharam-no, a pé, os membros do Congresso e do seu ministério.

Tendo verificado que a posse se realizara, a massa popular transformou sua agitação em curiosidade. Queria ver como se processaria a transmissão do poder. E dirigiu-se, como uma onda, para o Itamaratí, cujas portas e escadarias foram invadidas.

Notava-se tambem completa ausência de guardas e sentinelas. A casa ha-

via sido abandonada e estava na mais completa desordem.

Por certo, — escreveu o autor de **Minhas Memórias dos Outros**, testemunha de todos estes episódios — que ao Marechal não podia ser diretamente atribuído êsse doloroso espetáculo de pouco caso, para com um ato solene e tão fundamental na vida do regime republicano, como fosse a transmissão normal do govêrno. O descaso, o menoscabo, eram, porém evidentes.

Com dificuldade Prudente de Moraes, comprimido pelo povo, sem guarda ou garantia de espécie alguma, entrou no Itamaratí e subiu suas escadarias. No meio do salão do primeiro andar — conta a mesma testemunha —, cessadas as aclamações, o Presidente, com um doloroso sorriso, em meio àquelle tumulto, disse qualquer cousa que não foi bem ouvida e fez às pessoas que o cercavam, um gesto que significava esta interrogação — e o que vamos fazer?

Nesse momento, surgiu no salão em que se encontrava o novo Presidente da República, o Ministro da Justiça e Inte-

rior do Govêrno que se extinguirá. Dr. Cassiano do Nascimento; e sem maior solenidade, a êle se dirigindo, disse que em nome do Marechal Vice-Presidente, lhe transmitia o govêrno.

Foi neste ambiente e nestas condições, que no dia 15 de Novembro de 1894, o Brasil adquirira um novo responsável pelos seus destinos e a República ia começar a viver as horas graves da consolidação do regime.

Faint, illegible text or markings at the top of the page.

Faint, illegible text or markings on the right side of the page.



IV

Início de Govêrno



O assumir o govêrno da República, sem ter tido o mínimo contato com o seu antecessor, sem dele ter recebido as indispensáveis informações sobre a marcha dos negócios públicos, Prudente de Moraes sentia que o envolvia uma atmosfera de insegurança.

Por outro lado, dificultavam-lhe os passos iniciais, a má vontade dos florianistas e a desordem, o tumulto que dominava o país.

O estudo dos fatos então ocorridos o demonstra e a testemunha já várias vezes citada o confirma, que tinha-se a impressão de que começava, não um novo govêrno do mesmo regime, mas um novo regime sem continuidade com o govêrno que terminara seus dias. "Cercado dos seis homens de notavel capacidade que escolhera para seus mais graduados auxiliares (18), a tarefa do novo presidente era formidavel, cabendo-lhe de princípio, por um pouco de ordem em tudo, tomar pé nos diversos departamentos administrativos, para poder enfrentar o seu programa no govêrno do país".

Não demorou muito que o traço predominante da personalidade de Prudente de Moraes — a sua austeridade — transbordasse do Palácio Presidencial para os departamentos da pública ad-

18) *Fazenda*: Rodrigues Alves — *Exteriores*: Carlos de Carvalho — *Justiça*: Gonçalves Ferreira — *Obras Públicas*: Antonio Olinto — *Guerra*: General Vasquez — *Marinha*: Almirante Eliziorio Barbosa.

ministração e neles exercesse "a mais benéfica influência para a normalização dos serviços".

Prudente de Moraes, embora autoritário, não era um personalista. Sendo êle próprio uma das tradições vivas do republicanismo histórico e consciente da natureza dos elementos políticos que o elevaram ao supremo Poder, foi de acordo com êles que organizou o seu programa.

Ao seu amigo e Secretário da Presidência, disse que pezar das responsabilidades diretas e imediatas que o regime lhe impunha, não queria que se pudesse dizer que fazia obra pessoal, por isso desejava em torno dele os mais proeminentes chefes republicanos e com todos se aconselhar.

Foi o que fez.

Iniciou seu governo dirigindo-se à Nação. No **Manifesto** de 15 de Novembro, o Presidente da República falou claro aos seus concidadãos:

"O lustre de existência que hoje completa a República brasileira tem sido de lutas quasi permanentes com

adversários de toda a espécie, que têm tentado destruí-la, empregando para isso todos os meios". "Como expressão concreta desse período de funestas dissensões e lutas, rememoro com amargura a revolta de 6 de Setembro do ano próximo passado".

E manifestando sua opinião sobre essa revolta, afirma que ela "foi o mais violento abalo de que se podia sentir o regime proclamado a 15 de Novembro de 1889, iniciado sob o pretexto de defender a Constituição da República e de libertar a Pátria do jugo de uma suposta ditadura militar, reuniu sob a sua bandeira todos os elementos adversos à ordem e à paz pública, concluindo por caracterizar-se em um movimento formidável de ataque às instituições nacionais, arvorando o estandarte da restauração monárquica. Mas por isso mesmo que essa luta tremenda foi travada pela coligação de todos os inimigos, a vitória da República foi decisiva para provar a estabilidade das novas instituições, que tiveram para defendê-los a coragem, a pertinácia e a dedicação do

benemérito Chefe do Estado, auxiliado eficazmente pelas fôrças de terra e mar".

Depois de salientar que a revolta substituiu a paz e o trabalho por lutas fraticidas, perturbando a vida nacional e causando enormes males, danificando a fortuna pública e particular, lembra que ela produziu o benefício de que a fôrma republicana, tal como está consagrada na Constituição de 24 de Fevereiro, "é indubitavelmente a que tem de reger para sempre os destinos do Brasil, porque é no seu admirável mecanismo que está a mais segura garantia da harmonia permanente entre a unidade nacional e a vitalidade e expansão das fôrças locais". "A República está, pois, firmada na consciência nacional; lançou raízes tão fundas que jamais será daí arrancada".

E pondo de lado toda a mágua do tratamento que recebera de Floriano, faz-lhe publicamente o elogio político: "Felizmente, graças à atitude patriótica, pertinaz e enérgica do Marechal Floriano Peixoto, secundado pela grande

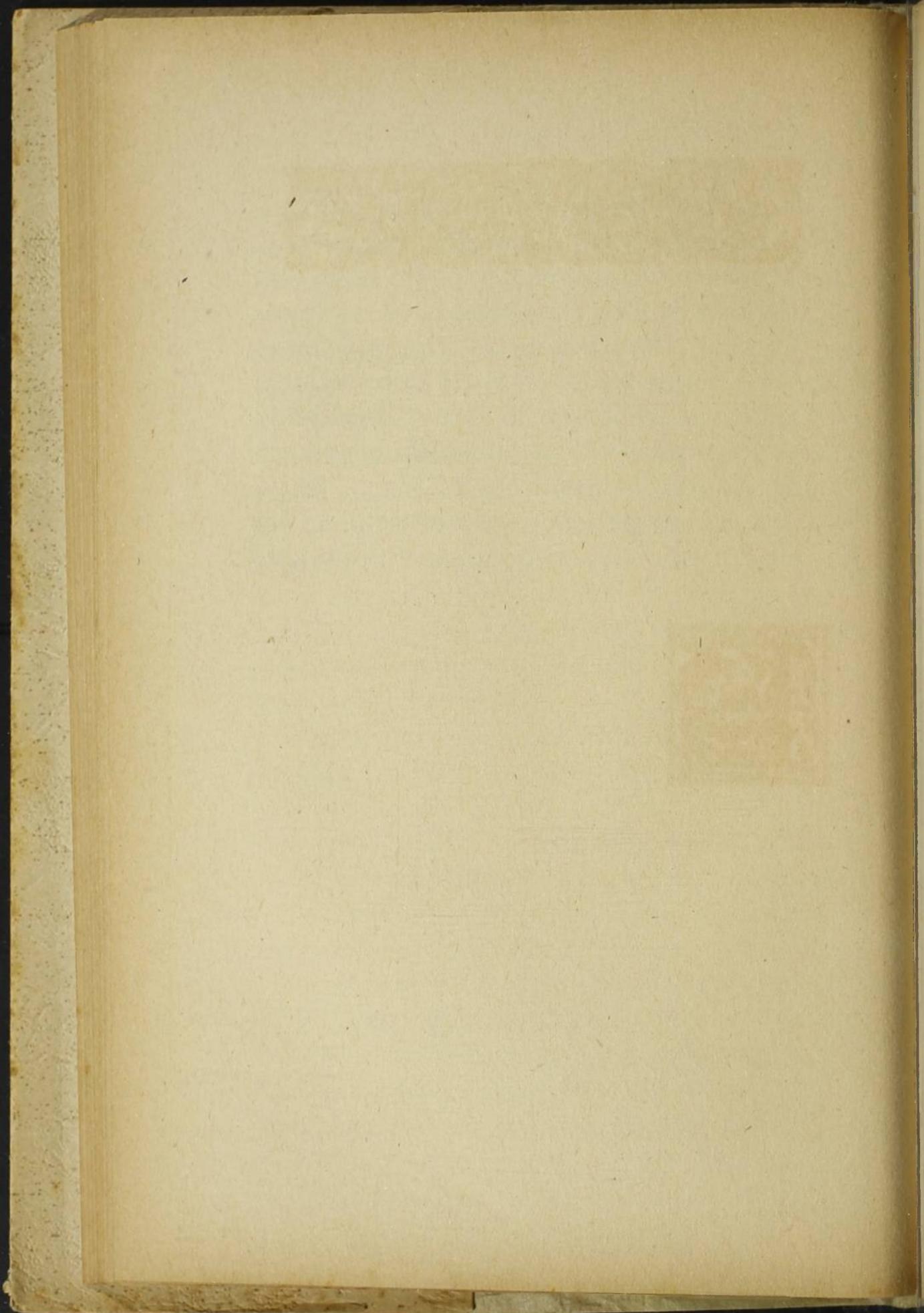
maioria da nação — parece estar encerrado em nossa pátria o período das agitações, dos pronunciamentos e das revoltas, que lhe causaram danos inestimáveis, sendo muitos deles irreparáveis”.

E cheio de confiança proclama: “Nesta situação, exige o patriotismo que todos os brasileiros, especialmente os depositários do poder público, contribuam com seus esforços dedicados e perseverantes para conseguirem que a República seja o que deve ser — um regime de paz e de ordem, de liberdade e de progresso, sob o império da Justiça e da Lei. Essa é a ardente aspiração nacional, manifestada no escrutínio de 1.º de Março, porque só assim será possível a reparação, ainda que lenta, dos danos sofridos pelo país”.

E Prudente de Moraes, articula em seguida, no **Manifesto**, as normas e princípios que pretende seguir na realização desse **desideratum**.

Seus primeiros atos, difíceis atos, foram corajosos e acertados. Foi isso, na verdade, o que a imprensa registrou,

como se lê na seguinte notícia publicada no **Jornal do Comércio**, quando se completava o primeiro mês do novo Governo — Se dos primeiros atos de qualquer Governo se pode depreender o pensamento primordial de sua política, temos a convicção de que o Presidente da República está realizando o programa do Sr. Prudente de Moraes. Volve mos à Constituição e ao critério da lei nos atos da governação da República.





V

A paz no Sul



MBORA amainada, a revolução estava ainda acesa no Rio Grande do Sul. Silveira Martins passara a sua direção a Saldanha da Gama, que escrevendo ao chefe monarquista Andrade Figueira esclarecia a situação: "Se Floriano der o golpe de Estado, continuando na presidência, a revolução redobrará de vigor e acabará triunfando em absoluto; o mesmo sucederá se o governo passar a Prudente e este não puder sustentar-se. Na hipótese de Prudente conseguir so-

lidificar-se no poder surgirá uma situação nova, que não poderá deixar de influir sensivelmente sobre a luta armada e sobre a própria revolução, no ponto de vista político..." (19).

Meses mais tarde, quando já sentia os resultados dos primeiros atos do novo governo, escrevia o mesmo chefe revoltoso à **Prensa** de Buenos Ayres: "Florian Peixoto teve, afinal, de ceder o governo, deixando a revolução de pé; mostrando-se-lhe, por sua vez em atitude intencionalmente opressiva, o governo de Prudente de Moraes encarrega-se de dar-lhe razão quanto à prossecução da luta armada...". Todavia acrescentava, "os revolucionários não duvidariam depor no altar da pátria, de par com suas armas, suas justas queixas e os seus elevados propósitos; sómente não lhes toca ser os primeiros em acenar com o simbólico raminho de oliveira..." (20).

19) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pag. 211.

20) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pag. 212.

Havia nestas palavras, uma evidente insinuação, que ia de encontro ao objetivo principal do governo, o qual, sem a paz nada poderia fazer de util para o país; e para conseguí-la tinha que procurar, no Rio Grande do Sul, o equilíbrio entre as forças que seguiam as políticas antagônicas de Júlio de Castilhos e de Silveira Martins.

De caso pensado os republicanos castilhistas, não se submeteram ao mando de Francisco Glicério nas hostes do Partido Republicano Federal. Sentiam a necessidade de uma maior liberdade de ação. Sua doutrina política, alicerçada nos princípios positivistas, divergia em tese, da que fôra pregada pelos republicanos históricos de São Paulo e Minas, resultando daí a desconfiança que tinham de Prudente de Moraes.

Mas o Presidente queria e precisava da pacificação e para obtê-la não poupou esforços.

Em 24 de Junho de 1895, no combate de Campo Osório, encontrou a morte o bravo Saldanha, dando a impressão

de ter procurado na luta, "um suicídio cavalheiresco".

Talvez êsse fato facilitasse o objetivo, por isso que viria, possivelmente, diminuir a intensidade da guerra civil, que pouco a pouco se transformava em luta de interesses locais.

A escolha do General Vasques para Ministro da Guerra já visava a pacificação, pois conhecia bem o ambiente riograndense e a situação das fôrças em luta.

Prudente de Moraes, mesmo antes de completar um mês de govêrno, manda para o Sul o General Francisco Moura, antigo Ministro de Floriano e amigo de Júlio de Castilhos.

O General Moura, levava instruções positivas, escritas do próprio punho do Presidente e que determinavam a instalação de seu quartel general fóra de Porto-Alegre, a substituição nas fronteiras das fôrças irregulares pelas do exército Federal e a garantia do estabelecimento no Estado de todos os seus emigrados.

Na mesma ocasião envia Prudente aos Ministros brasileiros em Montevideu e Buenos Aires, Vitorino Monteiro e Fernando Abbot, ambos amigos e partidários de Júlio de Castilhos, claras instruções, no sentido de auxiliarem a pacificação.

A bôa fé e as bôas intenções de Prudente de Moraes — sentimentos que raramente se irmanam à política — não tiveram éco porque, tanto o General Moura como os nossos ministros no Prata, "desatenderam por completo aquellas instruções, obedientes aos desejos do Govêrno do Estado, que queria, tambem, por certo a pacificação, mas pelo aniquilamento do adversário".

Sem perda de tempo — e auxiliado pela habilidade de Carlos de Carvalho, seu Ministro do Exterior, conseguiu com que Vitorino Monteiro pedisse demissão e Abbot fosse licenciado. E em Maio, substituiu o General Moura pelo General Inocêncio Galvão de Queiroz.

Era o novo comandante da Região — segundo informa Rodrigo Octavio, que bem o conheceu — uma bela fi-

gura de soldado e de patriota, inteligente, culto e decidido; fôra um dos generais nomeados por Floriano para o Supremo Tribunal Federal e que tivera o bom senso de não aceitar a nomeação.

Para o Sul, levou as mesmas instruções que havia recebido seu antecessor, cumprindo-as a risca; e em boa hora tomou, dentro do espírito delas, iniciativas que não lhe haviam sido recomendadas ⁽²¹⁾.

Um mês depois da chegada do General Inocêncio de Queiroz, tendo instalado seu quartel general em Pelotas, — já podia Prudente de Moraes, na reunião ministerial de 8 de Julho, fazer um relato da situação e comunicar que no dia seguinte o General legalista se encontraria com o General Joca Tavares, chefe dos Federalistas.

Deram bons resultados os trabalhos preliminares do General Galvão de Queiroz, que antes de partir para o Sul já se encontrara no Rio com o

21) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 191.

Dr. Francisco Tavares, político riograndense, a quem entregara uma carta dirigida a seu irmão General Joca Tavares e na qual manifestando o seu propósito de obter a pacificação, pedia ao velho cabo revoltoso que o informasse sobre os intúitos da revolução e, no caso de não ser a revolta contra o Governo Federal, convidava-o a marcar dia e hora em que o pudesse mandar receber na fronteira e conduzi-lo ao seu quartel general em Pelotas.

Exorbitava o General de suas instruções, mas o fazia na melhor das intenções.

Joca Tavares respondeu por carta datada de Poncho Verde, em 18 de Junho de 1895, com a declaração de que, na sua fase atual, a revolução não visava o Govêrno Federal. Os seus intúitos eram puramente locais. Aceitava, por conseguinte, o convite.

Prudente de Moraes — a quem o General Galvão de Queiroz ocultara o teor dessa correspondência — dela recebera cópia por intermédio do redator do **Jornal do Comércio**, Sr. Antonio Lei-

tão, e estava agora informado por telegrama direto do mesmo General, que o encontro se realizaria no dia 9 de Julho e que as hostilidades haviam sido suspensas.

A esse telegrama Prudente respondeu declarando-se ciente, mas dizendo que "esperava que o **convite** para o encontro tivesse partido do chefe revolucionário, segundo suas instruções. O Comandante da Região respondeu imediatamente sem vacilar, que o **convite** para a conferência partira de Joca Tavares a quem, acrescentou levantando uma ponta do véu, êle anteriormente havia escrito uma carta e concluindo por afirmar que só se inspirara na alta compreensão de sua incumbência e que submeteria ao Presidente as propostas que lhe fossem feitas" (22).

Nos resultados da conferência de Pelotas não acreditava Castilhos, conforme longo telegrama que enviara ao Presidente.

22) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 194.

Exposta a situação ao Ministério, começaram os Ministros a manifestar sua opinião. Por motivos de ordem pessoal, o General Vasques declarou-se contrário ao encontro de Pelotas. Rodrigues Alves, "sempre ponderado e nobremente inspirado", deu todo o seu apôio ao General Galvão, alinhando-se Gonçalves Ferreira ao lado do Ministro da Guerra.

Prudente, achando inutil tal discussão, poz fim à reunião ministerial; tratando-se de fatos consumados, "agora se devia aguardar a solução que as circunstâncias trouxessem para sobre ela se resolver".

A verdade é que no dia 9 de Julho de 1895, encontraram-se em Pelotas os dois generais, lavrando-se, desse encontro, no dia seguinte, uma ata contendo as condições de paz, ata que chegou às mãos de Prudente de Moraes no dia 31 daquele mês.

E que pediam os revoltosos, para deporem as armas? 1.º — a posse efectiva dos direitos que a Constituição confere a todos os cidadãos; 2.º —

a reconstituição do Estado do Rio Grande do Sul de acôrdo com a Constituição Federal; 3.º — o direito de oferecer indenizações por prejuizos sofridos com o abastecimento das fôrças do govêrno.

De posse dêsse documento — conta o então secretário de Prudente de Moraes — o Presidente o submeteu à apreciação de alguns políticos de vulto e que foram, o Vice-Presidente Manoel Vitorino, Campos Sales, Ubaldino do Amaral, Leopoldo de Bulhões, João Pedro Belfort Vieira, Pinheiro Machado, Quintino Bocaiuva, Francisco Glicério e Artur Rios. Com exceção de Quintino, os demais reconheceram aceitaveis as propostas, "salvo quanto à reorganização do Estado, matéria que dependia não do Govêrno Federal, mas da ação direta dos poderes do próprio Estado".

Acreditava Quintino que se o Presidente fizesse a paz nas condições propostas, "não haveria um brasileiro que o aplaudisse com sinceridade".

Conhecendo o modo de pensar dos políticos de maior responsabilidade, le-

vou o assunto à reunião ministerial, lendo então a resposta por êle mesmo redigida, aceitando as condições da ata, menos a referente à reorganização política do Estado.

Carlos de Carvalho, secundado por Gonçalves Ferreira, pelo General Vasques e Antonio Olinto, discordou da resposta, que foi defendida, ponderadamente, pelo bom senso de Rodrigues Alves, apoiado pelo Almirante Elisiário Barbosa.

Prudente, no entanto, tendo deliberado que a paz havia de ser feita, não se submeteu à vontade da maioria do ministério. Rebateu todas as objeções e pintou com cores vivas a situação do Sul. Declarou que meditara profundamente nos termos da resposta e que tendo perfeita consciência de suas responsabilidades, ia enviá-la o mais depressa possível.

*

* *

A notícia da pacificação voou pelo país inteiro.

Na capital da República esplodem os júbilos populares, orientados pela palavra ardente de José do Patrocínio.

Pouco antes das 7 horas da noite, quando o povo já se aglomerava em frente ao palácio, para tomar parte na manifestação que ia ser feita ao Pacificador, êste, muito preocupado, mas sem perder a calma, entrega ao seu secretário um telegrama em que o General Galvão lhe comunicava que se havia comprometido a obter do governo, que fosse enviada uma mensagem ao Congresso pedindo a decretação da anistia. E ordenou que o ministério se reunisse à noite — acrescentando: — que vou responder a êste povo que me vem saudar por uma paz que não está feita?

Quando chegou à sacada do Palácio Itamaratí, foi delirantemente ovacionado. E depois de pedir ao povo que mandasse uma comissão à sua presença, ouviu uma voz, mais forte que a sua, voz que bem conhecia por ser a mais sonora e enérgica voz brasileira, voz que implorara a libertação dos escravos

e interpretava, sempre, o sentir da alma popular. Era José do Patrocínio que respondia: — Não, Senhor! nós não subiremos à altura em que vos achais; somos o povo e falaremos daqui, da rua, não só porque é da rua que o povo fala, como porque neste momento é de baixo, e deveria ser de joelhos, que o povo se devia dirigir a Prudente de Moraes!

Uma tempestade de aplausos abafou as palavras de Patrocínio. Fez-se silêncio e Prudente falou. Diz Rodrigo Octavio, que era êle excelente orador, ardoroso e brilhante; esteve nessa tarde extraordinariamente feliz, apesar da dificuldade em que se encontrava. O tema de seu discurso foi, para que de modo algum pudesse ficar mal, que a paz não estava ainda inteiramente feita, mas que o povo tivesse a segurança de que a paz se faria, perfeita, completa, sem ressentimentos que deixassem rastilhos para novas lutas (23).

Ao ministério reunido, não permitiu que o assunto fosse discutido e decla-

23) RODRIGO OCTAVIO — Ob. cit., pag. 203.

rou que responderia ao General Galvão, repelindo aquella condição de última hora.

E assim agindo venceu em toda a linha, pois os revolucionários aceitaram que a anistia fosse pedida ao Congresso, pessoalmente, pelo General Galvão. E a paz foi assinada no dia 23 de Agosto de 1895.

Pouco tempo depois, com a decretação da anistia, pensava Prudente de Moraes ter chegado a hora de começar a administrar o país. Enganava-se, no entanto, pois tinha ainda que esperar e muito que lutar.



VI

Agitação política. Canudos e o atentado de 5 de Novembro.



PAZIGUAR os espíritos e consolidar as precaríssimas finanças nacionais, não era tarefa fácil.

Que poderia fazer o Govêrno para pôr ordem na administração pública, se não conseguira acalmar os ânimos, uma vez que a pacificação não agradara a certos grupos e vãos estavam os cofres públicos.

Em face desta realidade, — diz um de seus melhores biógrafos — Prudente de Moraes resume-se a viver, como seu

antecessor, dos expedientes de momento: um empréstimo interno de 60.000 contos e outro externo de £ 1.000.000 em letras do Tesouro (24).

Agravando tal situação, sublevaram-se os alunos da Escola Militar, o que obrigou o Governo a agir com energia desligando do exército os jovens indisciplinados.

O que êsse grave acontecimento demonstra, é que o govêrno continuava com sua autoridade enfraquecida, desde que não conseguira impor uma completa disciplina.

Francisco Glicério, manipulando a política nacional, procurava evitar a cisão no partido, uma vez que Campos Sales, Governador de São Paulo, não se submetia à sua integral orientação e Prudente de Moraes, não podia nem devia ficar sob sua tutela.

Coroando esta falta de coesão do principal agrupamento político, Rui Barbosa continuava adversário irreductível dos radicais jacobinos e o Vice-Presi-

24) JOSÉ MARIA BELO — Ob. cit., pag. 219.

dente, Manoel Vitorino, não ocultava divergir da política e da administração de Prudente de Moraes.

E era dentro desta agitada, desencontrada e incerta vida política, que o primeiro presidente civil, procurava governar.

Prudente de Moraes, que não tinha boa saúde, sente a agravação dos males que o afligiam. Aconselhado por seu médico vai para Santa Tereza, hospedando-se no Hotel Internacional e tempos depois, muda-se para a residência de verão da Ladeira do Ascurra, onde se submete a uma grave operação, levada a efeito pelo cirurgião Dr. Pedro Afonso, auxiliado pelos Drs. Oscar Bulhões e Barata Ribeiro. Como consequência, teve que passar o governo ao Vice-Presidente, partindo para uma longa convalescença, em Terezópolis.

Manoel Vitorino assumiu o poder com a certeza de que a precária saúde de Prudente não lhe permitiria reassumir o governo. Nomeou novos Ministros, instalou o governo no Palácio do

Catete, e deu outra orientação política e administrativa ao país, provocando a cisão definitiva no Partido Republicano Federal.

Não tinha Prudente de Moraes dúvidas de que a interinidade de Manoel Vitorino, homem de grande inteligência e cultura, lhe traria contratempos e desgostos.

Mantendo, porém, sua perene linha de austeridade ficou silencioso no seu recanto de Terezópolis, até que, sentindo-se com melhor saúde, chegou certa manhã ao Rio de Janeiro, dirigiu-se para o Palácio do Catete e mandou avisar, por ofício, ao Vice-Presidente que reasumira o governo!

Para não crear maiores complicações políticas, deu prova de bom senso, mantendo em suas posições todo o ministério de Manoel Vitorino, que era composto de homens notáveis.

Um acontecimento, entretanto, dava ao ambiente brasileiro um aspecto trágico: CANUDOS.

Nos sertões, no interior da velha Baía, lutavam as forças republicanas contra forças misteriosas.

No pequeno arraial de Canudos, fundado pelo misticismo de Antônio Conselheiro, estranho personagem, sexagenário, meio louco e revoltado, vivia uma gente simples, rude e fanática.

E qual o motivo da **guerra** de Canudos? Um incidente sem importância ocorrido com a construção de uma pequena igreja, deu origem a uma desinteligência entre os homens de Antonio Conselheiro e o poder público, representado por alguns soldados da polícia baiana. Sendo preciso pôr ordem em tal situação e castigar os fanáticos, contra êles foi enviada uma força mais numerosa, a qual foi desbaratada, pelos jagunços "armados de velhos trabucos, de rudes instrumentos de trabalho e sobretudo, de rosários e amuletos, sinaes exteriores de sua devoção".

A derrota dos policiaes baianos teve formidavel repercussão e em torno do caso, foram creadas as lendas mais

absurdas, todas com o fundamento de que Antonio Conselheiro, nada tendo de rude ou de místico, outra cousa não era senão o instrumento dos que iniciavam uma luta pela restauração da Monarquia...

O fato é que a pedido do govêrno da Baía, o Govêrno Federal — durante a interinidade de Manoel Vitorino — teve que intervir, enviando para o interior daquele Estado uma fôrça de mais de 500 homens, sob o comando do Major do exército Febronio de Brito. Esta fôrça, ao chegar nas imediações de Canudos sofreu definitivo revez e retirou-se, inteiramente desarticulada.

O pequeno incidente tomava proporções graves. Uma nova coluna militar, de 1.000 homens, distribuidas pela infantaria, cavalaria e artilharia, foi enviada pelo Vice-Presidente Manoel Vitorino, sob o comando do Coronel Moreira Cezar.

Em 21 de Fevereiro de 1897, esta coluna tambem foi desbaratada, morrendo, em combate, o seu comandante.

Como explicar tão grande desastre? A sua notícia, provoca a reação dos jacobinos. Na rua do Ouvidor, resumo do Rio de Janeiro, imagem berrante, mesmo que falsa, do Brasil — escreve José Maria Belo — o jacobinismo ardente pode esbravejar ainda uma vez as suas cóleras e ameaças patrióticas. Os monarquistas seriam definitivamente aniquilados! As arruaças se generalizaram, três redações de jornaes foram atacadas e destruidas e no dia 8 de Março foi assassinado Gentil de Castro, que se achava em companhia do Visconde de Ouro Preto e do Conde de Afonso Celso, que, por milagre, escaparam de sorte equal.

Tendo reassumido o Govêrno, ia Prudente de Moraes mais uma vez patentear sua capacidade de sofrer e de lutar.

À insegurança do Presidente era positiva. Não havia possibilidade de manter a ordem na cidade. Parecia mesmo que a polícia não existia ou era conivente com a desordem.

Os assassinos de Gentil de Castro, foram absolvidos. No Congresso vociferava a oposição, atribuindo à **fraqueza** de Prudente de Moraes todo o mal que o país sofria, e contra êle eram dirigidas graves injúrias. Prudente, no entanto, agia e providenciava. Dissolveu os batalhões patrióticos que já se haviam reorganizado, como no tempo de Floriano, e desligou alunos da Escola Militar. Esta atitude enérgica produziu resultados e trouxe certa inquietação no arraial dos adversários do govêrno.

Para o sertão fez seguir uma nova expedição militar, composta de 6.000 homens distribuidos por 5 brigadas, sob o comando do general Artur Oscar, florianista e legalista, que se salientara na campanha do Sul. O primeiro combate que tiveram estas tropas com os jagunços, só não foi desastrosa, porque em seu auxilio veio a coluna comandada pelo General Savaget. Os desastres militares continuavam, principalmente motivados pelo irregular serviço

da retaguarda. Fome e sêde sofreram os nossos bravos soldados.

O General Artur Oscar, ladeando a autoridade do Ministro da Guerra e do Presidente da República, mandava para os jornaes comunicados, que desnorteavam a opinião pública, justificando os revezes que soffria, dando à campanha um aspecto político que realmente não tinha. Chegou a ser em dado momento todo poderoso, mas com as derrotas que soffreu viu o seu prestígio caminhar para o ocaso.

Nessa occasião Prudente de Moraes nomeia Ministro da Guerra, o Marechal Machado Bitencourt, figura tradicional no Exército. O novo Ministro embarca para a Baía, levando outras tropas e **in loco** organiza os serviços da retaguarda. Começa a transformação. A luta se metodisa e toma feição técnica.

Os jagunços defendem-se como loucos. Mas a artilharia que os martelava sistematicamente, vence-os na tarde do dia 5 de Outubro de 1897.

Quando as tropas federaes deram o assalto final ao arraial dos jagunços,

nada mais existia. Canudos não tinha uma casa em pé. Não foi encontrado vivo um só de seus habitantes. Assim, tristemente, teve fim uma campanha em que o Brasil perdeu milhares de homens!

*

* *

Esta vitória, triste vitória, não modificou a situação do govêrno, não lhe trouxe o prestígio almejado...

A campanha contra Prudente de Moraes, era cada vez mais intensa e não constituia segredo a existência de uma conspiração para assassiná-lo.

No dia 5 de Novembro de 1897, em companhia do bravo Marechal Bittencourt, aguardava o Presidente no pátio do Arsenal de Guerra, fôrças militares que voltavam de Canudos. Entrelaçadas às ovações à sua pessoa, ouvia os insistentes **vivas** a Floriano, bem como, outras manifestações que patentavam o desrespeito e a indisciplina reinante.

Nesse momento, o anspeçada do exército Marcelino Bispo, — simbolizando a hora política que o Brasil vivia — agride o Presidente da República e o alveja a pistola. Falhado o tiro, instintivamente o Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt e o Chefe da Casa Militar, Coronel Mendes de Moraes, tentam prender o agressor. O tumulto resultante do atentado, é enorme. Marcelino Bispo, agil caboclo nortista, desvenilha-se dos que o agarram e com um punhal fere de morte o Marechal Bittencourt e fere o Coronel Moraes.

Esta tragédia, na qual perdeu a vida um brasileiro de coragem e cheio de serviços à pátria, deu ao povo o senso da realidade. O assassinato político era cousa desconhecida no Brasil. Houve rápida e nítida reviravolta na opinião popular, que começou a compreender as atitudes e a fôrça moral de Prudente de Moraes. E seu prestígio cresceu e firmou-se para sempre, quando, contrariando o desejo de seus amigos receiosos de um novo aten-

tado, compareceu pessoalmente ao enterro do Marechal Bittencourt, recebendo por essa ocasião a maior consagração popular de que ha memória em nossa história política.

O Congresso votou então o estado de sítio, medida necessária, mas que sempre repugnou ao espírito democrata de Prudente. Tal medida, porem, ofereceu-lhe motivo para que se firmasse ainda mais na admiração e no respeito do povo, quando o Supremo Tribunal Federal, concedeu **habeas corpus** aos políticos exilados em Fernando de Noronha.

A decisão contrariou o Presidente. Achou-a injusta. Pensou mesmo em renunciar. Mas cumpriu-a, mandando soltar todos os presos políticos. O respeito que tinha à Justiça não lhe permitia outra attitude.

Faltava-lhe, apenas, um ano para terminar o mandato. Ia ver se podia, durante êsse ano, governar o país.



VII

Fim de Govêrno. Fim de vida.
Glorificação.



RUDENTE de Moraes, com o apoio do povo, dedica-se à administração pública. A situação financeira era trágica. O Brasil, estava falido. Bernardino de Campos, Ministro da Fazenda nomeado por Manoel Vitorino, não encontra uma solução. Trabalha intensamente. Sua nobre vida, merece ser conhecida ⁽²⁵⁾. Foi o irmão de Prudente nas horas de maior an-

25) MOTA FILHO — *Uma Grande Vida* (S. Paulo — 1931).

gústia. Como êle, tinha uma grande capacidade de sofrimento e uma paciência evangélica. Levaram ambos a cruz ao Calvário. Mas ao atingirem o topo da montanha, tinham salvo o país.

Bernardino de Campos, de acôrdo com Prudente de Moraes "promove as diligências do famoso primeiro **funding** da República, que livrou o Brasil da bancarrota. Orientando o delegado do Tesouro e a Legação do Brasil em Londres, recorrendo a Paris e à intervenção discreta e reservada de um banco amigo e a agentes financeiros, — deu início ao grande plano que traçara, como um técnico no assunto. Em 25 de Janeiro de 1898, remetia Bernardino de Campos aos Srs. Rothchilds, uma exposição sobre o plano, assim como ao delegado do Tesouro em Londres enviara cartas recomendando uma série de medidas para serem postas em prática". (26)

26) MOTA FILHO — Ob. cit., pags. 135/136.

Iniciadas as negociações, — que deveriam continuar na Europa, com Campos Sales, Presidente eleito — chegou ao Rio o financista inglês Sr. Tootal, sendo com êle firmadas as bases da transação, assunto que ficou bem esclarecido, história que foi bem contada, pelo Dr. Prudente de Moraes Filho, em discurso pronunciado na Câmara dos Deputados. (27)

Desafogada a situação financeira, pode Prudente de Moraes, terminar calmamente o seu govêrno e, transmiti-lo, em perfeita ordem, ao seu sucessor.

Lembrando-se de como lhe haviam, quatro anos antes, entregue o govêrno, não quiz Prudente que Campos Sales, sofresse a mesma angústia que êle sofrera.

No dia em que lhe transmitia o poder — 15 de Novembro de 1898 — dirige-lhe uma nobre e elucidativa Mensagem, na qual relata, não só a situação política, como o andamento de todos os negócios do Estado.

27) *Anaes da Camara dos Deputados.*

Vale a pena lembrar em traços largos o que diz êste documento.

Da atuação do Ministério do Exterior — lembra Prudente de Moraes algumas realizações, que isoladamente historiadas, constituem magníficas páginas de sua administração: o reatamento das relações diplomáticas com Portugal, que para o Brasil enviou como plenipotenciário o poeta Tomaz Ribeiro; a ocupação da ilha da Trindade e a feliz e definitiva solução do assunto; o caso do Amapá, no qual Rio Branco brilhou pela primeira vez no cenário nacional; as relações diplomáticas com a China e o Japão; a imigração japonesa; a demarcação de limites com as nações visinhas; e os atos, tendentes a estreitar os laços de uma maior amizade entre os países sulamericanos.

Na pasta da Justiça e Negócios Interiores, além das medidas necessárias à manutenção da ordem pública, relata Prudente porque mandou fechar o Club Militar, "convertido ultimamente em centro inconveniente de agitação polí-

tica"; como procurou manter as relações entre o Governo Federal e o dos Estados, resolvendo dentro da Constituição e com habilidade, os casos políticos de Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Baía, Amazonas, Rio Grande do Sul; trata mais: da seca do nordeste, da higiene, da instrução pública e da reforma da Justiça.

Relata em seguida os negócios atinentes aos Ministérios da Marinha e da Guerra e passa a inteirar minuciosamente, o seu sucessor, sobre os negócios referentes à pasta da Indústria, Viação e Obras Públicas, referindo-se: à recisão do contrato da companhia Metropolitana, organizada para introduzir imigrantes no Brasil; à recisão de contratos de obras, no valor de réis 35.912:000\$000, por 2.777:000\$000; ao plano de desenvolvimento das estradas de ferro e em especial à situação da Central do Brasil; ao aumento de 42% na receita dos Correios e às melhorias introduzidas no sistema telegráfico nacional; aos serviços relativos aos me-

lhoramentos portuários e que tiveram impulso compatível com a exiguidade das verbas consignadas no orçamento.

Mas a parte mais importante de sua Mensagem, é a que trata do Ministério da Fazenda e da situação financeira. Fala clara e sinceramente, quando diz: "O meu antecessor teve de lutar com dificuldades extraordinárias para dominar os movimentos armados, que por tanto tempo flagelaram a República. Esse esforço nobilíssimo, coroado afinal por completo triunfo, custou ao país os mais pesados encargos. Coube-me a tarefa ingrata de liquidar as responsabilidades provenientes dessas lutas desoladoras, tendo não só de acudir aos onus diretos que se resolvem em pagamentos de contado, mas também aos que surgem, como consequências fataes desses movimentos e por seu turno reclamam recursos ou para a reorganização dos serviços perturbados ou para curar de providências tendentes a restaurar os movimentos regulares da administração. Os documentos oficiais

esclareciam mal a situação real do país, cuja gravidade era desenhada com côres mais sombrias nos relatórios que me foram apresentados, como já o eram nos debates do Congresso”.

Com minúcia, história a situação do Tesouro e das finanças nacionais e demonstra as vantagens do acordo financeiro de 15 de Junho.

A influência benéfica da operação — escreve Prudente de Moraes — se fez sentir em todo o território da República, com o renascimento da confiança, com a elevação das taxas cambiais e melhor cotação dos títulos de nossa dívida externa.

*

* *

Cumpriu Prudente de Moraes o seu dever. Pacificou o país. Regularizou a administração pública. Saneou as finanças nacionais. Tranquilizou os espíritos. E assim agindo, serviu ao Brasil, pois foi o sofrimento e a grandeza de seu govêrno, que permitiram pudesse

Campos Sales consolidar nossa situação financeira, e conseqüentemente facilitar o crescimento material do país. O fim do govêrno de Prudente de Moraes, foi o ponto de partida do progresso nacional, quatro anos mais tarde impulsionado pelo govêrno de Rodrigues Alves.

Terminou o seu período governamental amparado pela gratidão nacional. Passou o poder a Campos Sales, sob significativas aclamações populares. Treis longas horas levou para percorrer o pequeno trecho que liga o Palácio do Catete à Pensão Beethoven, perto do largo da Glória. Era o povo que exultava de entusiasmo pelo Presidente que saía... Era a Nação que reverenciava e respeitava um simples cidadão...

Campos Sales, podia assumir o poder com confiança, depois de ter ouvido as palavras sinceras de Prudente de Moraes... "Discriminadas as tendências políticas, a situação tornou-se clara. Dissiparam-se ao mesmo tempo os re-

ceios do "militarismo", em vista da atitude calma, serena e digna das classes armadas, da disciplina que voltou aos quartéis, e da prontidão e regularidade com que todos acodem quando chamados em defesa da ordem e dos poderes constituídos. Está, portanto consolidado o governo civil da República e sente-se que todos anseiam pelo desenvolvimento das fôrças da Nação, que uma série de desordens havia atrofiado. Firma-se o crédito público. Com o acordo de 15 de Junho foi encontrada e já o dissestes, a chave para a solução da crise financeira. No exterior, melhora a cotação dos nossos títulos; no país, a taxa cambial ascendente denuncia o renascimento da confiança".

E não foi sem emoção que Campos Sales, dirigindo-se a Prudente de Moraes, afirmou: — Cumpristes o vosso dever, e eu vos asseguro que não deixarei perecer vosso trabalho!

*
* *
*

A partida de Prudente de Moraes para São Paulo, na noite de 19 de Novembro, em nada se parecia com sua chegada ao Rio de Janeiro, para assumir o governo...

Na tarde desse dia, no Palácio do Catete e na presença do Presidente Campos Sales, que se achava cercado do que mais significativo havia na sociedade, no comércio, na indústria e nas classes armadas, foi inaugurado o busto de Prudente de Moraes.

Com atenção comovida todos ouviram as palavras de Honório Ribeiro, Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, quando disse que era desejo das diversas classes do comércio e da indústria "que no mesmo Palácio, onde o Dr. Prudente de Moraes tanto e tão estoicamente sofreu por sua devoção à causa pública, bem se podendo dizer que colhera a palma do martírio, ficasse cinzelado no brnze o vulto sereno e simpático do grande cidadão..."

Em São Paulo é recebido com entusiástica manifestação. Piracicaba, o recebe em delírio.

Pouco descansa Prudente de Moraes. Homem habituado ao trabalho, reabre sua banca de advogado. Seu espírito público, porém, não lhe permite que abandone a política. Por todos respeitado, chefia a **decidência paulista**, cujo programa redige de próprio punho, reunindo em torno de sua pessoa e de seu pensamento político, grandes figuras da terra bandeirante (28). Ainda tinha forças para trabalhar pelo Brasil. Mas a moléstia traiçoeira, que de longa data o atormentava, lhe foi minando o organismo.

E Prudente de Moraes, ouvindo o soluçar de alguns amigos, deixou de viver no dia 3 de Dezembro de 1902. Tinha 62 anos incompletos. Acabou serenamente, sem proferir palavra. Nada tinha mesmo que dizer. Sua vida fôra transparente e justa. A verdade é que uma grande onda de tristeza, irradiada de Piracicaba, dominou o país inteiro.

28) SILVEIRA PEIXOTO — “A Gazeta”, de São Paulo, 6 de Julho de 1941.

Foi Francisco Glicério — companheiro de lutas republicanas e adversário dos últimos tempos — quem, no Congresso lamentou a morte do **Pacificador**, com palavras cheias de emoção e olhos lacrimejantes:

“Cabe-me o dever penoso de vir comunicar oficialmente ao Senado a triste nova do falecimento do meu illustre patrício, do notavel brasileiro, do íntegro republicano a quem o novo regime deveu em larga parte o advento — o Sr. Dr. Prudente de Moraes. Na sua grande autoridade moral, no passado vão se encontrar muitos dos caminhos por que chegamos à República e depois dela, a êsse mesmo elevado prestígio que deveu o extraordinário successo da Constituinte de 1891. O Dr. Prudente de Moraes, foi, em 1894, aclamado pela opinião nacional, tão certo é que sua eleição correspondeu, naquele momento da história constitucional da República, a uma evidente exigência do sentimento público, como raramente pode êsse fato ser devida-

mente observado na vida política dos povos."

No dia imediato à sua morte, alguém escreveu no "Estado de São Paulo": "Homem de poucas palavras e, no fundo, desconfiado como todos aqueles em cujas veias corre o antigo sangue paulista, não era fácil romper o círculo estreito de sua intimidade. Mas quem lá chegava e tinha a felicidade de ser cordialmente acolhido, ficava prêso, para sempre, ao calor e ao encanto da meiguice e da bondade que se escondiam sob aquela aparência rispida e fria."

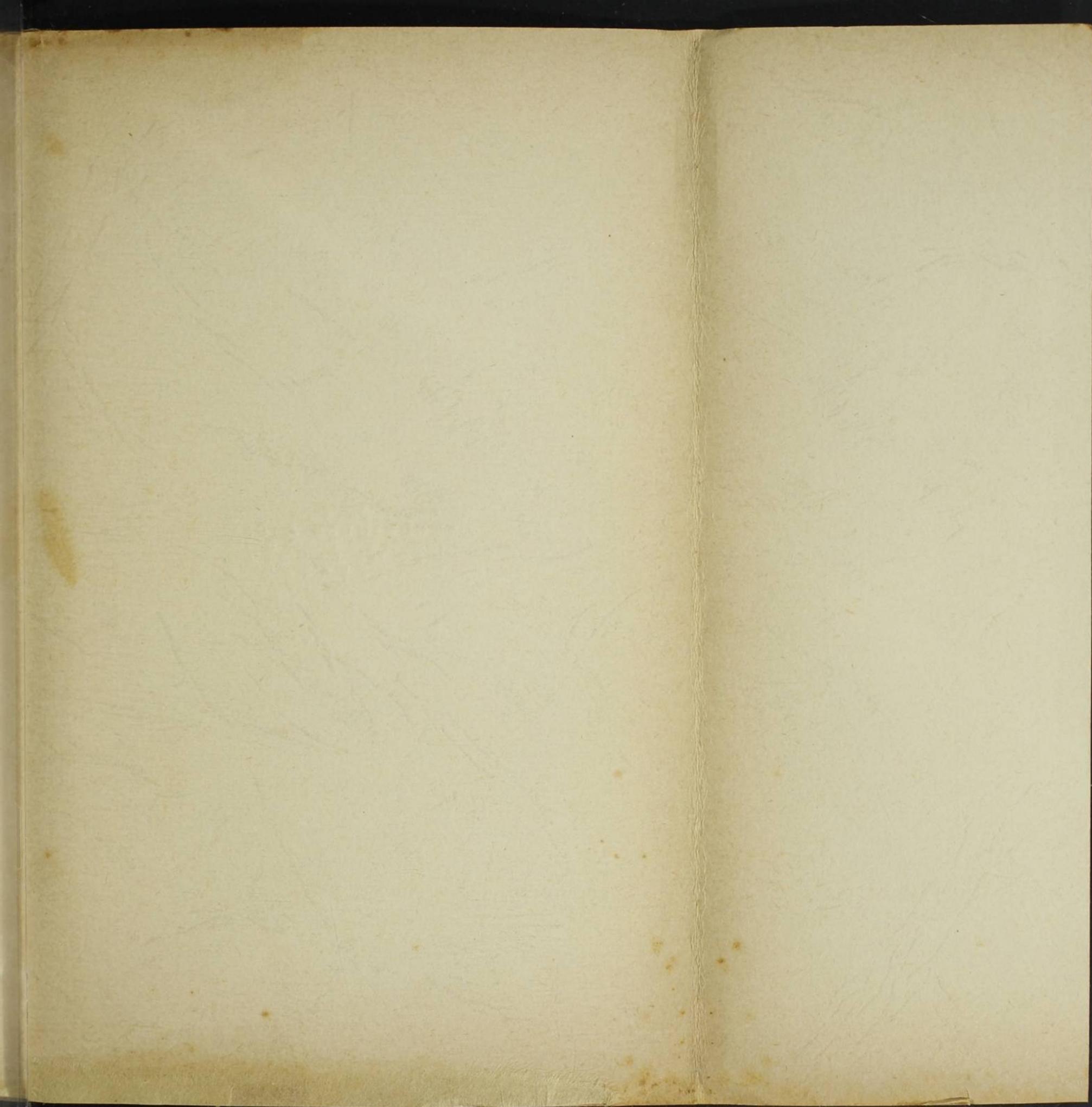
*

* *

Prudente de Moraes, não ficará na História, com o apelido de **Biriba**, que lhe dera a chacota oposicionista. O seu nome será aureolado com o título que conquistou na praça pública, através a palavra emocionada de José do Patrocinio: **o Santo Varão**.

J. M.

012093



Jornal do Commercio
RODRIGUES & CIA.
Avenida Rio Branco n. 117
RIO DE JANEIRO
1 9 4 2